



feminist dialogue series

#6

JULHO 2018

A Inclusão Social das Mulheres e os Desafios para um Activismo Feminista Africano Contemporâneo

Twasiima Patricia Bigirwa

A desigualdade baseada no género e a exclusão das mulheres revelaram-se intratáveis no continente, apesar da proliferação de iniciativas nacionais e internacionais de desenvolvimento da África nas últimas décadas. Quando muito é feito em nome da inclusão social sensível ao género e pouco resultado é sentido pelas mulheres no local, devemos nos perguntar: o que deu errado? O que torna tão difícil redistribuir poder e lucro para as mulheres, que contribuem muito com o seu suor e sangue para manter o sistema capitalista a funcionar? E quais são os desafios para que o activismo feminista africano contemporâneo mude o cenário?

Para compreender melhor o actual debate sobre a igualdade de género, inclusão e luta pelo poder, temos que reflectir e olhar para as realidades actuais à luz da história recente que pôs fim ao colonialismo com a promessa de criar uma nova sociedade. O nacionalismo africano já foi uma ideologia de libertação da opressão, que expressou a resistência contra os regimes coloniais. Hoje, o discurso nacional é frequentemente usado exactamente para o oposto: como uma ferramenta para a opressão contra a crítica e - referindo-se a argumentos culturais e religiosos - especialmente contra as mulheres rebeldes.

Retrocessos Conservadores e a Reformulação Complicada do Nacionalismo

Não entenderemos o ritmo das mudanças socioeconómicas e políticas nos nossos países se não considerarmos o ambiente político de um retrocesso conservador maciço com que estamos a lidar como activistas feministas. O ambiente em que muitos de nós trabalhamos é cada vez mais contra as mulheres, negros, LGBTI e pobres. Vozes desconfortáveis de protestos, especialmente vozes de mulheres, que exigem políticas efectivas pró-pobres e a inclusão política, são silenciadas e desqualificadas com argumentos de moral e cultura africanos, assim como o estigma de confrontar a causa nacionalista, contra a qual os outros (aqueles que estão no poder) lutaram.



Portanto, não podemos ter uma conversa honesta sobre o activismo feminista africano contemporâneo sem analisar o nacionalismo ditatorial e autoritário radical em muitos países africanos. Por quase todos os lados, há uma liderança política desesperadamente agarrada ao poder que está a vender um sonho envolvido em torno dessa ideia falsificada de grande nacionalismo. Outra versão de “tornar os nossos países grandes novamente”. Ao mesmo tempo, o neoliberalismo - uma ideologia estrangeira importada - está de volta no discurso político. “Os pobres são pobres porque não se esforçam por melhorar”, torna-se novamente uma análise política respeitável no cenário da comunicação social, onde as elites políticas nem sequer tentam implementar as políticas de inclusão e apenas um grupo muito pequeno no topo está a lucrar com o crescimento. Este modelo, que não é do interesse do povo, é então justificado pelo “nacionalismo”. Todos aqueles que não concordam são qualificados como inimigo anti-africano, anti-nação. Se a crítica for uma mulher, opcionalmente, é tratada de vagabunda e ameaça à moral e à reprodução da nação.

Um Acordo de Cavalheiros sobre a Inclusão Social das Mulheres

Então, porquê achamos que, apesar da proliferação de iniciativas nacionais e internacionais de desenvolvimento para a inclusão social das mulheres, não há melhorias realmente substanciais? A violência contra as mulheres, o estupro e a mutilação genital feminina estão basicamente em todas as agendas e planos estratégicos do governo. Mas continuam a existir, uma injustiça social gritante na cara das mulheres.

Quanto as lutas para obter representação feminina nos parlamentos e instituições políticas, embora haja melhorias nos números, as parlamentares ainda têm que lutar contra as estigmatizações de ser o “sexo frágil”, de não serem capazes de realmente levar as questões importantes (economia, segurança, finanças), porque podem engravidar e devem velar pelas suas famílias à noite, assim não podem estar em posições de poder. É natural que os homens obviamente estejam livres dessas responsabilidades, então tornam-se os detentores perfeitos do poder. Os partidos políticos, a comunicação social, até mesmo as escolas caem na mesma armadilha e perpetuam argumentos moral e

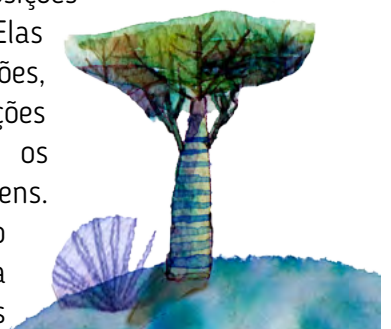
religiosamente sustentados para manter as estruturas sociais do jeito que são e não do jeito que deveriam ser, como os debates horríveis sobre a relação entre as roupas das mulheres e raparigas nas escolas e as agressões sexuais em diferentes países africanos.

Estas observações levantam a questão, se todo o debate politicamente correcto sobre a “inclusão social das mulheres” no final não é apenas uma carta na aposta pela ajuda externa. Os nossos governos, por sua vez, “permitem-nos” algum espaço de manobra, mas apenas o suficiente para serem rotulados como “faces democráticas, liberais e mutantes da nova África”. E os doadores internacionais fingem acreditar na história. Um acordo de cavalheiros. Mas como seria uma inclusão real das mulheres? Uma inclusão não num sistema económico, social e político para homens e mulheres, mas a inclusão num modelo de sociedade, que permite a liberdade de voz e a liberdade de escolha das mulheres. Como infelizmente estamos muito longe de tal modelo no nosso contexto actual, a resposta a esta pergunta tem que se afastar das lutas emergentes para aproximar-se dessa utopia de uma sociedade de género e socialmente justa.

Inclusão Social e Activismo Feminista Não Contemporâneo

O desafio que enfrentamos como mulheres radicais engajadas na transformação social é a necessidade de “elaborar” um “feminismo contemporâneo”. O que significa ser feminista hoje? O feminismo tem e sempre terá o objectivo de dismantelar o patriarcado. E enquanto o como pode diferir de geração ou pessoa, fica claro que a tarefa que está à frente ainda é difícil.

O feminismo, por sua própria natureza, é conflituoso, é transformador nas suas ambições. As feministas lutam contra as oposições institucionalizadas. Elas estão a confrontar religiões, culturas e tradições que estão a defender os privilégios dos homens. Compreender como o patriarcado funciona e cruza-se com todos





os outros sistemas de opressão, como o racismo, homofobia e elitismo social, é essencial para entender como desmantelá-lo.

Portanto, devemos olhar exactamente mais de perto para as tentativas de integrar e enfraquecer as reivindicações feministas como a de uma sociedade inclusiva, onde as pessoas e especialmente as mulheres podem falar o que pensam e viver as suas escolhas. Usar essas reivindicações sem entusiasmo como palavras-chave políticas sem conteúdo é perigoso para a causa política que finge que a distribuição de poder, acesso e privilégio é, no final, uma situação ganha-ganha, onde todos podemos sair felizes e ninguém tem que ser desafiado. De facto, desmantelar o patriarcado e o elitismo implica que os privilegiados perderão parte da sua posição especial e isso prejudicará. Então, lutar contra a luta feminista significa - adaptar as palavras da escritora britânica Laurie Penny -, temos que nos afastar de um pseudo-feminismo que acalma, que fala de sapatos e compras e lanches sem açúcar e não fala sobre mulheres pobres, mulheres estranhas, mulheres feias, mulheres transexuais, profissionais do sexo, mães solteiras ou qualquer outra pessoa que não se encaixa no molde.

Voltando à nossa inclusão social, isso significa que temos que defender o pacote completo e não apenas para um certo grupo de mulheres bem-sucedidas, mas para todos nós. E temos que ser inconvenientes. As mulheres de hoje ainda são forçadas a negociar toda a sua humanidade. Dizem-nos que devemos esperar o nosso tempo, que não devemos ser demasiado radicais, correndo o risco de alienar os “aliados”. E assim nos comprometemos, e pedimos educadamente, e esperamos - e esperamos - 2017 anos depois. E enquanto as políticas de género estão a trabalhar para a realização dos nossos direitos, esquecemos que temos uma agência, que somos realmente sujeitos políticos e não objectos ou problemas que são resolvidos por políticas públicas mal implementadas. Portanto, o desafio para as activistas feministas africanas contemporâneas é começar a teorizar e imaginar a ideia de mudança transformacional radical além da mera inclusão num sistema social, político e económico injusto.


Revitalizar a Luta Feminista pela Justiça Social e Inclusão

As jovens feministas em toda a África começaram a organizar-se usando ferramentas que lhes estão disponíveis, enfrentando a comunicação social e outras instituições, recusando-se a ser definidas pela sociedade e usando espaços anteriormente conservadores para combater o patriarcado. Há lições a aprender com esses pequenos colectivos e movimentos que emergiram da necessidade de rejeitar o silêncio e atacar a nossa opressão de frente.

Há também muitas mulheres radicais e fortes que passaram por esta luta diante de nós, cujas práticas e experiências podem ajudar-nos à medida que continuamos a moldar a alternativa. O feminismo contemporâneo tem que emergir da consciência do passado e da sede de inovação e tem que trazer a produção de conhecimento, assim como uma nova acção radical.

Devemos ser capazes de nos reinventar criativa e radicalmente para poder enfrentar os sistemas de opressão que mudam. Devemos ser capazes de nos conectar, organizar e formar alianças, apesar dos espaços continuamente reduzidos, que permitem tais conversas.

A resposta à pergunta “como lidar com as realidades políticas do nosso tempo?” pode ser diferente de pessoa para pessoa, de mulher para mulher e de movimento para movimento. Alguns podem conquistar estruturas existentes, como partidos políticos, para transformá-las. Outros podem optar por tomar as ruas para protestar. Mas enquanto definimos um universo alternativo, devemos ser capazes de ter empatia e ficar ao lado de todas as mulheres. Nossa luta deve, portanto, ser verdadeiramente interseccional. A tarefa mundana que temos pela frente para todos nós que deliberadamente identificamos como feministas nesta geração é pegar o bastão do desmantelamento do patriarcado e tudo o que vem com ele. E assim, enquanto podemos ter medo, lembramos que o nosso silêncio não nos protegerá (Audre Lord). O uso dos nossos medos, vulnerabilidades e todas as nossas experiências em ferramentas que podemos usar para estratégias correctivas é um passo necessário e radical que devemos adoptar. ●



Referências para leitura adicional:

McFadden, Patrícia (2016): Becoming Contemporary African Feminists: Her-stories, legacies and the new imperatives, at: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/mosambik/13028.pdf>

Loewenstein, Antony (2014): 'Feminism lite' is letting down the women who need it the most, at: <https://www.theguardian.com/profile/antonyloewenstein>

Penny, Laurie (2014): Unspeakable Things, Bloomsbury

Lorde, Audre (1978): The Transformation of Silence into Language and Action, at: <https://www.csusm.edu/sjs/documents/silenceintoaction.pdf>

Sobre o Autor

Patricia é feminista radical da Uganda. Ela trabalha como advogada de direitos humanos, estando atualmente no comité consultivo de fundos feministas, FRIDA - Young e é escritora permanente do Africanfeminism.com. Ela também escreveu e publicou trabalhos académicos sobre a situação dos direitos humanos em Uganda, desigualdades de género, entre outros. A Patricia está interessada em usar a sua escrita para informar, ensinar e talvez até ajudar a desencadear a tão necessária revolução. A sua conta no twitter é @triciatwasiima

The Feminist Dialogue Series

A Ideia da Série Diálogo Feminista nasceu durante uma Workshop Internacional sobre o Feminismo Político em África organizada pela Plataforma Feminista Moçambicana Fórum Mulher e a Fundação Friedrich Ebert (FES) em Outubro de 2016 em Maputo. A reunião juntou mais de 50 activistas e académicas feministas de todo o continente. Inspirada por discussões e intervenções estimulantes no workshop, esta série visa ser uma plataforma para a partilha de reflexões feministas importantes. Desta forma a série quer contribuir para o desenvolvimento e divulgação do conhecimento feminista africano para transformar as condições políticas e económicas no continente para a justiça social e do género.

A Série Diálogo Feminista conta com a contribuição artística de Ruth Bañón (cabeçalho) e o design de Sebastião Montalvão (Lateral Comunicações).

Esta série é organizada por:

**FRIEDRICH
EBERT
STIFTUNG**

